

A temática da velhice em pinturas expressionistas

The theme of Old Age in expressionists paintings

Cláudia Márcia Ventura Teixeira Santos

Paula Regina de Oliveira Ribeiro

Armando José China Bezerra

Lucy Gomes Vianna

RESUMO: No presente artigo são analisadas pinturas expressionistas com a temática da velhice e do envelhecimento. Encontraram-se obras representativas do cenário do envelhecimento em pinturas expressionistas de autores nacionais e internacionais. O estudo das mesmas, retratando a velhice, o envelhecimento, e as fases da vida, fornecem dados para que se conjecture como estes pintores viam a pessoa idosa do ponto de vista biopsicossocial.

Palavras-chave: Expressionismo; Pinturas expressionistas; Envelhecimento.

ABSTRACT: *In this article are analyzed expressionist paintings with the theme of old age and aging. We met representative works of the aging scenario in expressionist paintings of national and international authors. The study of these paintings, portraying old age, aging and life stages, provide data for the conjecture as these painters saw the elder from the point of view bio-psycho-social.*

Keywords: *Expressionism; Expressionist paintings; Aging.*

Introdução

O Expressionismo surgiu no final do século XIX com características que ressaltavam a subjetividade expressa por temas dramáticos e obsessivos. A intenção do artista era recriar o mundo e não apenas absorvê-lo da forma como era visto (Camargos, 2003). Foi movimento que se opôs à objetividade da imagem, destacando, em contrapartida, o subjetivismo da expressão (Argan, 2006). Foi considerado evolução de vanguarda por propor ideias inovadoras para a época. Por meio da arte, os artistas mostravam de forma exteriorizada uma reflexão individual, uma visão pessoal do mundo ao seu redor (Capelato, 2005).

Este movimento foi marcado por duas fases distintas: a primeira mostrava uma visão satírica da burguesia e forte desejo de representar emoções subjetivas; e a segunda exibia pessimismo e atitude irônica e cínica diante da sociedade (Camargos, 2003). Em suas telas, os artistas expressionistas refletiam a angústia e a ansiedade que dominavam os círculos artísticos e intelectuais da Alemanha durante os anos anteriores à Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e que se prolongou até o fim do período entre as guerras (1918-1939). Esta angústia suscitou o desejo veemente de transformar a vida, de alargar as dimensões da imaginação e de renovar a linguagem artística (Behr, 2000; Guinsburg, 2002).

O Expressionismo procurava traduzir em linhas e cores as emoções e sentimentos humanos mais profundos e dramáticos (Cury, 2005). A figura era deformada para ressaltar o sentimento, havendo predominância dos valores emocionais sobre os intelectuais. O fundamental para esses artistas não era refletir o mundo de maneira realista e fiel, mas, sobretudo, expressar o seu mundo interior com ânsia de retratar o pessimismo em relação ao mundo, o que faziam através da cor e da deformação proposital da realidade (Argan, 2006; Dafferner, 2010).

Os elementos mais característicos das obras expressionistas são a cor, o dinamismo e o sentimento. No contexto estilístico, as linhas e as cores expressam as emoções em lugar de representar o mundo exterior. A linha é emocional, deformadora, nervosa e angulosa (Dafferner, 2010). A cor contém alto grau expressivo, com ênfase no uso de cores contrastantes e puras. Utilizando cores patéticas, dá forma plástica ao amor, ao ciúme, ao medo, à solidão, à miséria humana e ao começo, evolução e fim da vida (Schapiro, 1996).

As principais características do expressionismo podem ser reveladas como pesquisa no domínio psicológico: cores resplandcentes, vibrantes, fundidas ou separadas; dinamismo improvisado, abrupto, inesperado; pasta grossa, martelada, áspera; preferência pelo patético, trágico e sombrio (Dafferner, 2010).

Para os expressionistas, a luz era imprescindível. Era através dela que os artistas conseguiam mostrar deformações, focos concentradores, projeções, sombras, manchas, flashes, contrastes fortes, variação cromática, e tudo mais que pudesse atuar como recurso de desnaturalização e expressão do objeto, do sujeito ou da forma em si mesma (Cury, 2005). Em lugar da iluminação geral, os expressionistas preferiam iluminação por zonas, manchas e flashes, capazes de estabelecer isolamento de um ator ou bailarino, separando-o do mundo exterior. A luz, então, tinha o poder de estabelecer rupturas das relações dos personagens. Acompanhava a ação de modo aparentemente arbitrário, já que seu objetivo não era imitar a natureza, mas articular a ação, concentrar a atenção, acentuar a tensão e colorir a emoção do público (Camargo, 2000).

Os primeiros artistas plásticos intitulados expressionistas foram alemães referenciados por uma revista local, intitulada *A Tempestade*, colocando-os como artistas que expressavam a dor e a amargura. O aspecto técnico era representado pela acentuação bem definida de contornos ao redor das figuras e com contrastes violentos no interior das mesmas, utilizando cores puras. No aspecto psicológico, era vista como a arte do intuitivo, com pinceladas agressivas e rápidas (Dias, 2007).

Os principais pintores com obras expressionistas foram Paul Cézanne, Paul Gauguin, Vincent van Gogh e Edvard Munch. No Brasil, temos pinturas expressionistas realizadas principalmente por Anita Malfatti, Lasar Segall e Candido Portinari. Estes pintores representavam em suas telas a expressão do mundo que viam e sentiam. Trouxeram às telas, entre outras, temáticas como a evolução da vida, exibindo as transformações da pessoa humana no processo de envelhecimento (Capelato, 2005). Cada artista expressionista, à sua maneira, foi capaz de transmitir às telas sua visão do envelhecimento. Uns representaram a velhice em si através de figuras caricatas, outros de forma mais elaborada dentro do contexto de evolução da vida (Camargos, 2003).

A história do expressionismo confunde-se com as histórias de vida dos artistas representantes de sua arte. Sua trajetória e obra surgiram de um pensamento criativo, realista e, acima de tudo, expressivo, buscando despertar as emoções do observador e, muitas vezes, mostrando-se pessimista (Guinsburg, 2002).

Por se tratar de uma concepção individual e psicológica do mundo, é possível observarem-se obras com tendências bastante diversificadas (Dias, 2007).

Os artistas modernistas, ainda que preocupados com a decadência que invadia o mundo artístico e literário e, até mesmo, com a sensação de que não haveria uma saída para essa situação, analisavam com medo e curiosidade o impasse no qual se encontravam. Segundo Berman (2009), os pensadores do século XX eram simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna, lutando desesperados contra essas ambiguidades e contradições. Eram suas autoironias e tensões íntimas que constituíam as fontes primárias de seu poder criativo.

O presente artigo teve como objetivo mostrar a representação da temática da velhice e do envelhecimento em pinturas expressionistas.

Materiais e Métodos

Trata-se de pesquisa realizada em: livros de texto sobre arte (Hill, 1974; Teixeira, 1985; Dictionary, 1994; Chilvers, 2001; Cury, 2005), bases de dados (Europeana, Britannica Academic, Scholarpedia, Yale Artsdatabase, Web Gallery of Art, ArtSource – Ebsco e BHA and RILA) e sites especializados (YourPaintings – BBC e National Gallery of Art), no período de março a setembro de 2014. Na obtenção dos dados, foram utilizados os seguintes termos em português: pintura expressionista e idades; pinturas expressionistas e idades na arte; pinturas expressionistas e idades da vida; idades na pintura expressionista; idades do homem na pintura expressionista; arte da velhice na pintura expressionista; alegoria do tempo na pintura expressionista; envelhecimento na pintura expressionista; velhice na pintura expressionista (em português e inglês). Em inglês, usados os seguintes termos: expressionist painting and ages; expressionist paintings and ages in the art; expressionist paintings and ages of life; ages in expressionist painting; ages of man in expressionist painting; art of old age in expressionist painting; allegory of time in expressionist painting; aging in expressionist painting; old age in expressionist painting.

Resultados

Os principais artistas que se destacaram pintando obras expressionistas que retratavam o idoso e o processo do envelhecimento foram: Paul Cézanne, Paul Gauguin, Vincent van Gogh e Edvard Munch.

No Brasil, este movimento também foi importante. Podemos destacar, nas artes plásticas, os artistas com pinturas expressionistas mais importantes: Anita Malfatti, Lasar Segall e Candido Portinari. A seguir, descreveremos cada um deles.

Paul Cézanne

Paul Cézanne (1839-1906) foi pintor francês considerado artista de transição entre a arte impressionista e a expressionista. Tem como estilo artístico a valorização no uso das cores, variação entre sombra e luz e simplicidade de motivos, por meio de elementos geométricos característicos na sua obra (Bernard, 2009).

Sua pintura “*Na Old Woman with a Rosary*” (Uma Mulher Velha com um Rosário, 1896) retrata a velhice e o envelhecimento.



Paul Cézanne
An Old Woman with a Rosary (1896)
(biografias100.blogspot.com)

Paul Gauguin

Paul Gauguin (1848-1903) foi um dos precursores do movimento expressionista, tendo decidido se dedicar completamente à pintura aos 35 anos de idade, quando começou uma vida de viagens e boêmia, que resultou em produção artística singular e determinante das vanguardas do século XX. Segundo Batista (2006), suas cores se estendem planas e puras sobre a superfície, adquirindo mais predominância pelos vermelhos intensos, amarelos, verdes e violetas. Suas primeiras obras tentavam captar a simplicidade da vida no campo, algo que ele conseguiu com a aplicação arbitrária das cores, em oposição a qualquer naturalismo.

Paul Gauguin retratou a evolução da vida na tela intitulada “*Where do we come from? What are we? Where are we going?*” (De Onde Viemos? O que Somos? Aonde Vamos?, 1897), mostrando desde o nascimento até a velhice, sendo possível visualizar na tela cada etapa do desenvolvimento de um indivíduo. Nesta pintura, a expressão da velhice é representada por uma anciã, que precisa ser amparada por pessoa mais jovem.



Paul Gauguin
Where do we come from? What are we? Where are we going? (1897)
(abiografiadovangogh.blogspot.com)

Vincent van Gogh

Vincent van Gogh (1853-1890) viveu na Holanda seus primeiros anos como pintor, abordando em suas telas questões sociais, influenciado pela pobreza que a prosperidade das indústrias trazia aos campos.

A partir de 1888, já em Arles, França, dedicou-se à pintura de paisagens e foi aí que produziu suas melhores obras. Para van Gogh era a cor, mais do que a forma, que determinava o conteúdo expressivo de seus quadros. Empenhou-se em recriar a beleza dos seres humanos e da natureza por meio da cor, que para ele era o elemento fundamental da pintura (Schapiro, 1996).

Enquanto viveu não foi reconhecido pelo público, que não soube ver em suas obras os primeiros passos em direção à arte moderna. Apesar da tristeza que sentia devido ao fracasso profissional, van Gogh nunca abandonou a crença de que sua arte – em que depositou seus profundos sentimentos - chegaria às gerações futuras. Infelizmente o pintor, com morte prematura aos 37 anos, não presenciou o sucesso de suas telas (Blumer, 2010).

Em 1882, Vincent van Gogh fez referência à velhice na pintura “*At Eternity's Gate*” (Homem velho com a cabeça em suas mãos), expressando em sua tela um envelhecer cheio de sofridas marcas. A tela faz menção a um de seus infelizes companheiros que estivera internado junto com ele no hospital de Saint-Remy. Em 1885, pintou *Portrait of an old man* (Retrato de um homem velho com barba).



Vincent van Gogh
At Eternity's Gate (1882)
(abiografiadovangogh.blogspot.com)

Edvard Munch

O artista norueguês Edvard Munch (1863-1944) foi um dos primeiros do século XX que conseguiu conceder às cores um valor simbólico e subjetivo, longe das representações realistas. Ele recusou o banal e as cenas interiores pacíficas. Suas obras exerceram grande influência em outros artistas da época a partir da tela “O grito”, de 1893, símbolo da dor, do trágico e do desespero, deixando clara a representação de pessoas vivas, que respiram e sentem, sofrem e amam (Martins, 2011).

Em “*Woman in three stages*” (*Os Três Estágios da Mulher*), de 1894, Munch expressa a perspectiva da evolução das idades, mostrando na tela três mulheres em fases de vida distintas, enfatizando a fase da velhice como escura, sombria e perturbadora. Em “*Dance of Life*” (*Dança da Vida*), de 1899, este mesmo autor retrata uma noite de verão em Oslo, com a lua cheia iluminando a cena: ao centro, um casal enamorado se olha fixamente; à direita, está uma jovem sorridente vestida de branco com flores à sua frente, lembrando a alegria da juventude; e, à esquerda, uma senhora vestida de preto olha a cena com amargura, lembrando as perdas que vieram com o envelhecimento. O autor retrata, na obra, sua interpretação sobre a evolução da vida, da adolescência à velhice (Chaa, 2014).



Edvard Munch
Woman in three stages (1894)
(edvardmunch.org)

Anita Malfatti

Anita Malfatti (1889-1964) foi importante e famosa artista plástica (pintora e desenhista) brasileira (Greccio, 2010). Nasceu com atrofia no membro superior direito, mas isso não impossibilitou sua trajetória na arte. Estudou pintura em escolas de arte na Alemanha e nos Estados Unidos, difundindo em suas obras uma arte grotesca, sem indícios da delicadeza ou do belo (Batista, 2006).

Apesar de ser muito criticada, Anita Malfatti manteve-se todo o tempo fiel ao seu estilo de pintura (Camargo, 2009). Mesmo com sua arte grotesca, conseguiu expressar nos toques das pinceladas uma arte infinita, grandiosa, por meio de personagens sugestivos, como os mostrados nas telas “A Boba”, de 1915, e “Mulher de Cabelos Verdes”, de 1916, nas quais enfatiza o envelhecimento de maneira rude, característica do modo pessimista como via a velhice, e a transmitindo de uma maneira caricata, de modo feio, rancoroso e desanimador (Malfatti, 2009).



Anita Malfatti
Mulher de Cabelos Verdes (1916)
(historiadaartemarcioarquivo.blogspot.com.br)

Lasar Segall

O artista lituano naturalizado brasileiro Lasar Segall (1891-1957) teve influências do impressionismo, expressionismo e modernismo. Seus temas mais significativos foram representações pictóricas do sofrimento humano: a guerra e a perseguição. Em 1923, o pintor mudou-se definitivamente para o Brasil, já sendo, à época, artista conhecido. Contudo, foi em terras brasileiras que, segundo suas próprias palavras, sua arte ficou como “o milagre da luz e da cor”. Foi um dos primeiros artistas modernistas a expor no Brasil (Ministério da Cultura, 2014).

O artista pintou o retrato da velhice na tela denominada “Meus Avós”, de 1920 em sua primeira versão e depois de retrabalhada datada de 1921, retratando personagens envelhecidos com traços fortes e marcantes. Esta tela foi mostrada na maior exposição individual que o artista realizou na Alemanha, no Museu Folkwang. Entre os avós, havia originalmente a figura de um menino, possível referência ao próprio Segall. Mais tarde, o artista retrabalhou na tela, cobrindo a criança com nova camada de tinta em busca de uma composição mais depurada, a fim de que o foco de atenção se concentrasse no assunto principal, a maturidade dos personagens (Ministério da Cultura, 2014). Em sua obra “Começo e Fim”, de 1928, Segall representa o início e o término da vida mostrando uma criança, símbolo do início da vida, e uma pessoa idosa, pondo à vista seu término (Naves, 1996).

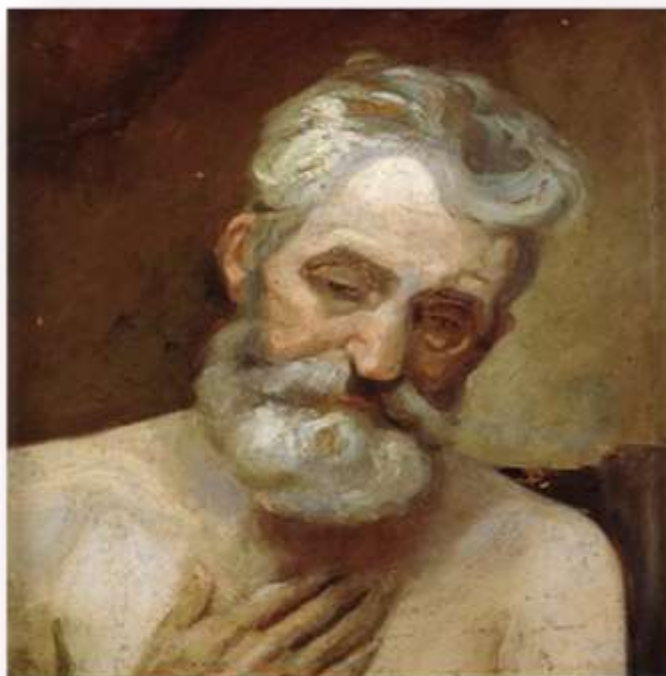


Lasar Segall
Meus avós (1921)
(museusegall.org.br)

Candido Portinari

No Brasil, Candido Torquato Portinari (1903-1962), filho de imigrantes italianos, já desenhava aos seis anos. Apesar de não ter concluído o curso primário, estudou desenho e pintura, expondo pela primeira vez aos 20 anos no salão da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Mais tarde, já gozando de merecido renome internacional, recebeu convites para exposições e encomendas de trabalhos em todo o mundo. Morreu em seis de fevereiro de 1962, provavelmente vítima de intoxicação pelas tintas que utilizava em suas pinturas (Bvo, 2012).

Candido Portinari expressou na tela “Cabeça de Velho”, de 1923, sua visão da realidade da velhice, mostrando a figura de um homem velho, portador de face enrugada e cabelos brancos. Este mesmo pintor retratou no quadro “Os Retirantes”, de 1944, o sofrimento dos migrantes representados por pessoas magérrimas e com expressões que transmitem sentimentos de fome e de miséria, principalmente na figura do idoso retratado no quadro (Behr, 2000; Bvo, 2012).



Candido Portinari
Cabeça de velho (1923)
(www.museucasadeportinari.com.br)

Conclusão

O ápice do expressionismo, ocorrido no início do século XX, trouxe às telas de seus precursores cores vivas e expressivas, deixando obras extraordinárias de seus representantes. Dentre estes, vários pintores retrataram com grande beleza a faceta da evolução humana na fase do envelhecimento, contribuindo para o entendimento dessa fase da vida de forma nostálgica e engrandecedora por meio de cores, formas e expressões.

Referências

- Argan, G.C. (2006). *Arte Moderna*. Denise Bottmann e Frederico Carotti, Trads. (10ª reimpressão). São Paulo (SP): Companhia das Letras.
- Batista, M.R. (2006). *Anita no tempo e no espaço: biografia e estudo da obra*. São Paulo (SP): Editora 34/EDUSP.
- Behr, S. (2000). *Expressionismo*. São Paulo (SP): Cosac Naify.
- Berman, M. (2009). *Um século em Nova York – espetáculos em Times Square*. São Paulo (SP): Companhia das Letras.
- Bernard, E. (2009). *Paul Cézanne*. São Paulo (SP): ARS, 7(14).
- Blumer, D. (2010). Van Gogh: geniality and disease. *Journal Brazilian Patology Medical Laboratory*, 46(1), 44-49.
- BVO (2012). *Biografias e vidas online*. Recuperado em 26 maio, 2014, de www.e_biografias.net/candido_portinari.
- Camargo, R.G. (2000). *Função Estética da Luz*. Sorocaba (SP): TCM-Comunicação.
- Camargo, A.P. (2009). *Anita Malfatti: a festa da cor*. São Paulo (SP): Editora Terceiro Nome.
- Camargos, M. (2003). *Semana de 22 entre vaías e aplausos*. (1ª reimpressão). São Paulo (SP): Bontempo Editorial.
- Capelato, M.H.R. (2005). Modernismo latino-americano e construção de identidades através da pintura. *Revista de História (USP)*, 4(153), 251-282.
- CHAA. (1994-2014). *Centro de História da Arte e Arqueologia*. Recuperado em 26 maio, 2014, de: www.unicamp.br/chaa.
- Cury, C. (2005). *Dicionário de artistas plásticos brasileiros*. São Paulo (SP): Cury Arte Brasil.
- Dafferner, S. (2010). Imagens expressionistas em *Angústia*, de Graciliano Ramos. *Revista Múltiplas Leituras*, 3(1), 197-208.

Dias, S.O. (2007). *Imagens da Velhice. Idade Ativa: Revista Eletrônica da Terceira Idade*. Recuperado em 28 maio, 2014, de: <http://www.techway.com.br>.

Greccio, L.P. (2010). *Catálogo da Exposição: Anita Malfatti – 129 anos de nascimento*. Brasília (DF): CCBB de Brasília. (160 pg. 120 ilustrações).

Guinsburg, J. (2002). *O Expressionismo*. São Paulo (SP): Perspectiva.

Malfatti, D. (2009). *Minha tia Anita Malfatti*. São Paulo (SP): Terceiro Nome.

Martins S.R., & Imbroisi, M.H. (2011). *História da Arte*. Recuperado em 26 maio, 2014, de: www.historiadaarte.com.br.

Ministério da Cultura. (2014). *Museu Lasar Sagal – IBRAM – MINC*. São Paulo (SP).

Naves, R. (1996). *Expressão e Compaixão nos desenhos de Segall*. In: Naves, R. *A dificuldade da forma, a forma difícil: ensaios sobre arte brasileira*. São Paulo (SP): Ática.

Schapiro, M. (1996). *A Arte Moderna – Séculos XIX e XX*. Luiz Roberto Mendes Gonçalves, Trad. São Paulo (SP): Editora da USP.

Recebido em 08/09/2015

Aceito em 30/09/2015

Cláudia Márcia Ventura Teixeira Santos - Fisioterapeuta. Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestranda em Gerontologia. Universidade Católica de Brasília (UCB). Brasília (DF).

E-mail: profclaudia.fisio@gmail.com

Paula Regina de Oliveira Ribeiro - Defensora Pública. Especialista em Gerontologia. Mestranda em Gerontologia. Universidade Católica de Brasília (UCB). Brasília (DF).

Armando José China Bezerra - Médico. Professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia. Universidade Católica de Brasília (UCB). Brasília (DF).

Lucy Gomes Vianna - Médica. Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia. Universidade Católica de Brasília (UCB). Brasília (DF).

E-mail: lucygomes@pos.ucb.br